

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM JAPONÊS: LÍNGUA E LITERATURA
JAPONESA

ERIKA LÚCIA DO AMARAL R. DA SILVA

ANÁLISE LINGUÍSTICA DE *KEYÔSHI*

Brasília

2016

ERIKA LÚCIA DO AMARAL R. DA SILVA

ANÁLISE LINGUÍSTICA DE *KEIYÔSHI*

Trabalho de conclusão de curso de graduação como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras, pelo curso de Letras: Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília.

Orientador: Marcus Vinícius de Lira Ferreira

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcus Vinícius de Lira Ferreira – Universidade de Brasília

(Orientador)

Profa. Mestre Kimiko Uchigasaki Pinheiro – Universidade de Brasília

(Examinadora)

Prof. Valdeilton Lopes de Oliveira – Universidade de Brasília

(Examinador)

Brasília

2016

ERIKA LÚCIA DO AMARAL R. DA SILVA

ANÁLISE LINGUÍSTICA DE *KEIYÔSHI*

Trabalho de conclusão de curso de graduação como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras, pelo curso de Letras: Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília.

Orientador: Marcus Vinícius de Lira Ferreira

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcus Vinícius de Lira Ferreira (Orientador)

Profa. Mestre Kimiko Uchigasaki Pinheiro (Examinadora)

Prof. Valdeilton Lopes de Oliveira – Universidade de Brasília (Examinador)

Brasília

2016

Agradecimentos

Dizem que uma mente que se expande nunca mais volta ao tamanho normal, que conhecimento nunca é demais e que não importa o quanto aprendemos, sempre se pode aprender mais. O que eu realmente posso afirmar é que cada uma das vivências que este trabalho me proporcionou, as conversas e debates, faz com que eu jamais volte a ser a mesma que era antes.

Primeiramente, agradeço ao Lira, que me orientou neste trabalho e teve não apenas paciência comigo e meus atrasos e enrolações, mas me ajudou e se dispôs a colocar minha ideia para funcionar mesmo depois que eu já havia perdido a motivação. E, claro, como não poderia faltar: agradeço por nossas conversas nas reuniões que iam de linguística tipológica até bicicletas verdes.

Agradeço também à Profa. Dra. Tae Suzuki, que me indicou ótimas leituras e acolheu tão bem a mim e meu tema. Agradeço também por ter me ensinado não apenas sobre a língua japonesa, mas também ter passado tantos conhecimentos de vida durante os anos em que fui sua aluna.

Como não poderia deixar de dizer, agradeço à minha família, que sempre me apoiou independente das escolhas que eu fizesse, assim como acreditaram em mim mesmo que nem eu acreditasse que seria capaz de realizar alguma coisa. À Sônia Amaral e Aprígio Fernandes, mãe e pai, que nunca mediram esforços para que eu tivesse sucesso e me ensinaram tudo o que sei, por serem o modelo que eu quero seguir. À Tia Inilta por me mimar todas as vezes que ela pôde. Tia Maria por cuidar e me encher de caprichos, assim como minha Vó sempre fez. E, à Mema por me ensinar a escrever!

Agradeço aos meus amigos, principalmente aos que me ajudaram neste trabalho, conversando comigo e me dando novas maneiras de enxergar e me corrigindo, sempre que fosse necessário. Aqui gostaria de citar os nomes da Lara Amaral (pela paciência que sempre teve comigo e por toda inspiração que você me trouxe), Larissa Souza (por me ajudar na parte técnica e pelos passeios no *McDonald's* e *London Street* e *picnics* na UnB), Nádia Pereira (por sempre responder

às mensagens de “Tá em casa?” E me receber com bom humor e chocolate) e Hammad Khan (*thanks, babe for teaching me how to use Word and helping me with every sentence that I could not understand!*). Ao Paulinho, afinal metade da minha graduação dependeu das suas caronas, sem contar com todo o carinho e atenção que sempre me deu! Wandinha por me aturar quase todos os dias na universidade e estar sempre disposta a me ouvir e me fazer rir. Agradeço por todo o apoio. Aos que estavam sempre dispostos a me tranquilizar e distrair quando o nervosismo batia, pelas rodas de violão e Imagem e Ação que fizemos no térreo do prédio agradeço à Lud, Camila, Douglas, Rapha, Rafa e Dudu. À Paula e Barão por serem os melhores amigos que eu poderia ter. E, claro, agradeço à Jessy, Deby e ao João por não só me ajudarem com o trabalho, mas por dividirem o computador do escritório comigo!

Agradeço, por fim, a todas as pessoas que participaram de alguma maneira para a realização do meu curso.

Dedico este trabalho à minha vó, Dona Antônia Maria de Jesus, a mulher mais incrível, forte e batalhadora que alguém poderia conhecer na vida. Por ter me ensinado a amar, eu te agradeço.

Resumo

Este trabalho apresenta uma comparação entre os adjetivos em português e japonês utilizando a tipologia linguística. Passando por breves definições dos tópicos, apontam-se as características comuns e diferentes nos dois idiomas. Mantendo a visão estrutural e gramatical, busca-se exemplificar e definir a classe e o motivo pelo qual – para nativos de português do Brasil – o comportamento desta se distancia tanto em ambas as línguas. A intenção é acompanhar a linha de pensamento dos teóricos Dixon (2010) e Backhouse (2004).

Palavras-chave: adjetivo, tipologia, linguística, *keiyôshi*, gramática.

Abstract

This paper presents a comparison of Portuguese and Japanese using linguistic typology. Through a brief definition of the topics, look for the common and different features between the two languages. Maintaining structural and grammatical vision, seeks to exemplify and define what adjective class is in the Japanese language and why - to native Portuguese of Brazil - the behavior of this terms has such a distance in both languages. The intention is to follow the thought of Dixon (2010) and Backhouse (2004), influent people when the matter is grammar.

Keywords: adjective, typology, linguistic, *keiyôshi*, grammar.

Sumário

1- Introdução.....	12
2- Breve Panorama Histórico	17
3- Revisão Bibliográfica	19
3.1- Bernard Comrie – Tipologia Linguística	19
3.1- Robert M. W. Dixon – Teoria Básica da Linguística	22
3.2- Anthony E. Backhouse – Adjetivos flexionáveis e não-flexionáveis no Japonês 23	
3.3- Conclusão	26
4- A Classe Adjetiva.....	28
4.1- Keiyôshi.....	30
4.2- Diferenciando Adjetivos em Português e Japonês.....	33
5- Considerações finais.....	35
6- Referências.....	37

Lista de Siglas

- 1- ADJ - Adjetivo
- 2- ADNOM – Adnominal
- 3- ART – Artigo
- 4- DAT - Dativo
- 5- DIR - Direto
- 6- FEM – Feminino
- 7- IND – Indireto
- 8- LE – Língua Estrangeira
- 9- LJ – Língua Japonesa
- 10- LP – Língua Portuguesa
- 11- MAS – Masculino
- 12- NOM – Nominal
- 13- NONPAST – Não Passado
- 14- NP – Frase nominal (*Noun Phrase*)
- 15- OBJ – Objeto
- 16- PART - Partícula
- 17- PAST – Passado
- 18- PREP - Preposição
- 19- PLU – Plural
- 20- RECIP – Recíproco
- 21- SING - Singular
- 22- SUJ - Sujeito
- 23- TOP – Tópico
- 24- V – Verbo

25- VL – Verbo de Ligação

26- VTD – Verbo Transitivo Direto

27- VTDI – Verbo Transitivo Direto Indireto

28- VTI – Verbo Transitivo Indireto

1-Introdução

Este trabalho foi motivado pela intenção de modificar a terminologia utilizada na tradução de “*keiyôshi*” e “*keiyôdôshi*” para “verbos de qualidade” por suas propriedades gramaticais se aproximarem das características verbais, considerando que, em português, adjetivo é uma classe nominal. Com esta finalidade, a pesquisa foi iniciada em gramáticas e em dicionários, buscando as definições para “nome”, “verbo” e “adjetivo”.

A etapa seguinte foi constituída de leituras e de estruturação da ideia de mudança de classe, tendo como base visões que idealizavam a modificação do termo “adjetivo i/na”¹ para “predicadores de qualidade” (NINOMIYA, 2012, p. 148 a 149), “predicativos de qualidade” (SUZUKI, 2012, p. 28), “qualificadores” (MORALES, 2012, p. 164), “verbo adjetivo” (SUZUKI, 2012, p. 28) e (RODRIGUEZ, 1976, p. 134), resgatando uma gramática do século XVI escrita pelo jesuíta Padre João Rodriguez.

João Rodriguez foi um padre jesuíta que acompanhou as Missões ao Japão no século XVI e recebeu a ordem de fazer uma gramática da língua da nova terra para que os outros padres e estudiosos portugueses pudessem aprendê-la. Ainda jovem, João Rodriguez aprendeu o japonês rapidamente e estruturou a primeira gramática japonês-português que se tem registro na história e, nesse trabalho, ele apresenta um capítulo onde fala sobre os “verbos adjetivos”, justificando que diferente de que seus colegas tinham considerado, para ele os termos não poderiam ser classificados como adjetivos por suas características tão diferenciadas das da classe nominal. (SILVA, 2015, p. 16 a 19)

¹ Nomenclatura utilizada no ensino de Língua Japonesa no Brasil, que seriam respectivamente as traduções de *keiyôshi* e *keiyôdôshi*.

A segunda etapa de estudos se estrutura em trabalhos de Dixon (2010), Backhouse (2004), leituras que fazem perceber que os próprios adjetivos podem ser suas subdivisões, sendo classificados em cada idioma de uma maneira diferente, dividindo as línguas em quatro tipos, tendo como ponto de referência seus adjetivos. “Tipo um” seriam as línguas onde os adjetivos se aproximam mais dos verbos, “tipo dois” as que têm características mais nominais, “tipo três” as que ambas as situações são possíveis e, “tipo quatro”, onde os adjetivos são diferentes tanto dos verbos quanto dos nomes. Os autores mostram que há a necessidade de buscar sempre as linhas divisórias entre as três classes: verbos, nomes e adjetivos. Agora, a questão que motiva e direciona este trabalho é: será que a mudança de termo é de fato apropriada? O quanto se deve aproximar a língua estrangeira da gramática da língua mãe? Já não cabe questionar neste trabalho sobre o processo de ensino-aprendizagem, pois antes deve-se focar na linha linguística.

É importante ressaltar que será trabalhado especificamente com os chamados “adjetivos i”, ou “*keiyôshi*”, a classe mais próxima dos “*dôshi*”². Em japonês existem dois tipos de qualificadores: os *keiyôshi* e os *keiyôdôshi*, sendo, respectivamente, adjetivos flexionáveis e não-flexionáveis³. Os flexionáveis se comportam de maneira bem parecida com os verbos, com algumas poucas ressalvas, – por exemplo, não têm forma imperativa – ocupando o espaço de um predicador, ou seja, tem a capacidade de formar um predicativo. Os não-flexionáveis, por sua vez, precisam do auxiliar verbal “*da*” para montar cópula e, então, predicarem a frase. Interessante citar que, estes não-flexionáveis se aproximam da classe nominal, tendo então características bem distintas dos flexionáveis. A intenção de trabalhar apenas com os *keiyôshi* é a de

² Verbos de ação – tradução direta.

³ Terminologia utilizada por Dixon e Backhouse a respeito das classes em japonês.

posicioná-los na gramática japonesa para que nativos de português-brasileiro consigam identificar e utilizá-los de maneira correta a partir das diferenças entre os “adjetivos i” na língua japonesa e a classe adjetiva do português. Ao final do trabalho, espera-se que definições estejam claras e que seja respondida a pergunta: Mudar o termo é aplicável?

Problematizando a questão, nota-se que a diferença entre as gramáticas portuguesa e japonesa e a intenção de aproximar uma da outra para que haja o entendimento durante a aprendizagem da língua estrangeira, pode criar ruídos que vem a atrapalhar o estudante na hora de utilizar os *keiyôshi* na estrutura frasal. Por exemplo, fazendo com que o nativo de português tenda a buscar a presença do verbo ser/estar⁴ para expressar, por exemplo, o tempo em sua mensagem, sendo que em japonês deve-se flexionar o próprio “adjetivo” para afirmar, por exemplo, a ideia de que é passado.

(1) Usagi no mimi wa naga-i

Coelho ADNOM orelha TOP longa NONPAST

As orelhas do coelho são longas. (BACKHOUSE, 2004, p. 53)

Observa-se que na construção acima não há um verbo correspondente ao “ser/estar” do português, apenas a apresentação do próprio adjetivo “*nagai*”, que contém em si não apenas a característica (longo: sem flexão de gênero e número), mas a capacidade de afirmar a existência/estado. Logo, quando o aprendiz de LE tenta usar a gramática de sua língua-mãe para traduzir e/ou basear-se na estrutura da língua, erros na utilização dos termos são comuns. Nota-se que, em português, não se pode flexionar os adjetivos em tempo ou negação/afirmação, apenas em

⁴ Verbo não existente na língua japonesa.

número, gênero e grau. Já em japonês acontece o contrário. Então, ao montar as estruturas no passado, teríamos:

(2) Usagi no mimi wa naga-katta

Coelho ADNOM orelha TOP longa PAST

As orelhas do coelho eram longas.

Na estrutura da LJ, a ideia de passado entra na flexão do adjetivo e não se pode encontrar a presença de um verbo como ser/estar em português, mas, ao fazer a tradução da mensagem levando em conta a estruturação da gramática de LP, inclui-se o verbo ser – onde o passado se manifesta – e um adjetivo que, diferente do *nagai*, flexionou em número e gênero – apresentando-se como feminino no plural. Agora que a primeira visão da estrutura frasal e comportamento da classe adjetiva foi exemplificada – e será trabalhada com mais detalhes nos capítulos que se seguem – deve-se seguir para a próxima questão: Por que trabalhar com gramática?

No dicionário Michaelis, linguística tem a seguinte definição: “Estudo científico da linguagem humana em sua totalidade, em sua realidade multiforme e em suas múltiplas relações. Fundamenta-se na observação direta e abstém-se de toda e qualquer prescrição, pois não é normativa. Como a linguagem se manifesta em línguas, a linguística interessa-se por todas as línguas em todos os seus níveis e modalidades.”. Ou seja, a ciência que permite as comparações e objetividade sobre o olhar do pesquisador é a linguística (Michaelis, 2015). Logo a linguística é necessária para que seja possível a separação e comparação dos dois idiomas escolhidos no trabalho, direcionando o estudo.

Ao longo dos capítulos seguintes, busca-se esclarecer o problema encontrado utilizando a Tipologia Linguística – unindo os dois, pode-se dizer que tipologia

linguística é a maneira de classificar e dividir as línguas em tipo (Dixon, 2010), buscando sempre um pilar para embasar o estudo. Como já citado no trabalho, a divisão das línguas em tipos pode seguir qualquer ponto de referência desde que seja algo relevante para a linguística. Utiliza-se aqui então a divisão com base na classe adjetiva que, em comparação entre português e japonês (no caso do *keiyôshi*), temos na primeira os adjetivos nominais e, na segunda, adjetivos com características muito próximas às verbais.

2-Breve Panorama Histórico

Para melhor compreensão da evolução da Língua Japonesa, é interessante olhar para sua história. A este trabalho cabe fazer um apanhado desde o contato com a China, que teria acontecido no período Yayoi, aproximadamente 250 a.C. até 250 d.C., contato que trouxe ao Japão não apenas o cultivo de arroz e os utensílios de metal e madeira – nas ilhas nipônicas, ambos o bronze e o ferro foram introduzidos ao mesmo tempo, fazendo com que não houvesse a divisão entre a evolução e descoberta de cada um dos metais – mas também o contato com uma cultura que já tinha sua língua estruturada por meio de um sistema de escrita. O que se sabe hoje sobre esse período é graças aos escritos chineses⁵,

A consolidação do país de Yamato foi, já no século IV, período em que a escrita chinesa foi incorporada, e o budismo que contribuiu para o desenvolvimento da escrita, este entrou no país por volta de 604 d.C.

No período Nara, houve um intercâmbio cultural e diplomático entre Japão e a China da dinastia Tang, por aproximadamente 200 anos. Época também onde três das mais importantes e conhecidas obras da literatura japonesa: *Kojiki* e *Nihon shōki*, que contam um pouco da história mitológica da origem do Japão e o *Manyōshū*, coletânea de cerca de 4500 *waka*⁶. Os dois primeiros foram escritos em chinês, já no *manyōshū* houve uma adaptação: foram usados os ideogramas chineses levando em consideração a leitura do ideograma e não o significado.

⁵ O “país de 100 reinos”, termo utilizado para se referir ao Japão, apareceu nos documentos chineses ainda na Dinastia Han – 206 a.C. até 220 d.C – quando esse contato aconteceu.

⁶ Estilo de poema

Heian foi um período em que a política, economia e produção cultural giravam em torno da corte. Nesta época, a produção literária foi significativa e muitos nomes femininos ficaram conhecidos por seus trabalhos.

O período seguinte, por sua vez, é marcado pelos *samurai*, classe militar que teve seu apogeu devido à grande quantidade de conflitos internos e rebeliões. (Japão – Mini Enciclopédia do Japão, 2011, p. 232 a 233 e 238 a 251)

Em meio a toda sucessão de acontecimentos do Japão, houve contatos com outros povos, os Portugueses por volta do século XVI e com os Holandeses durante a época em que o Japão fechou seus portos em 1641, para conter a propagação do cristianismo. Foi exatamente através deste contato com a Holanda que os primeiros manuais de língua surgiram no Japão.⁷

Os japoneses com a necessidade de se comunicarem com os estrangeiros, os primeiros materiais de estudo de língua são feitos para facilitar o intercâmbio cultural e o comércio. As classes e categorias gramaticais da língua ocidental foram traduzidas para o japonês e passaram a tentar encaixar as palavras japonesas em cada uma delas. Com este trabalho, pela primeira vez, os *keiyôshi* e *keiyôdôshi* são chamados de “adjetivos”. (SUZUKI, 2012, p. 33 a 36)

⁷ Levando em consideração que a Gramática escrita pelo Padre João Rodriguez ficou fora do conhecimento dos japoneses.

3- Revisão Bibliográfica

Dentre as pesquisas relacionadas com o tema do presente trabalho, as que mais influenciaram a construção do mesmo se encontraram neste capítulo, buscando em cada uma delas o que há de mais relevante. A fim de realizar uma análise sobre as classes – partindo da definição de verbo, nome e adjetivo – houve a necessidade de separar cada uma delas e olhar individualmente primeiro, depois comparar e buscar suas especificações e propriedades. A princípio, pensava-se que – tendo como base línguas ocidentais – adjetivo era apenas uma subdivisão da classe nominal, mas, a partir destes três trabalhos que são revisados aqui, esta visão foi modificada.

Começando por Tipologia Linguística de Bernard Comrie, passando por Robert Dixon e seus estudos gramaticais sobre línguas do mundo e, finalmente, chegando a Anthony Backhouse e sua análise da classe adjetiva da língua Japonesa.

3.1- Bernard Comrie – Tipologia Linguística

Antes de seguir para Tipologia Linguística, Comrie fala sobre Universalidade de Linguagem – o que seria comum a todas linguagens humanas – e a partir disso ele prepara o leitor para entrar em tipologia. Ele cita duas metodologias para ver a universalidade, a de Joseph H. Greenberg, “vertente que orienta este livro”⁸ (COMRIE, 1989, p. 2) e a de Noam Chomsky, “pode ser considerada como visão generativa ortodoxa”⁹ (COMRIE, 1989, p. 2). Comrie diz que, para Chomsky, a linguagem é algo inerente ao ser humano e que a criança teria a facilidade de aprender a linguagem de seus pais, carregado em seu material genético, mas teria desconsiderado, por

⁸ Citação original: “*reflects the orientation of the present book*”

⁹ Citação original “*might be regarded as the orthodox generative position.*”

exemplo, o possível contato com uma outra linguagem, como se a criança tivesse algum tipo de dificuldade ao aprender idiomas. E afirma que:

“Como a universalidade em que cada uma tem interesse são de princípios abstratos, não há como fazer uma análise de fontes concretas das linguagens que poderiam trazer qualquer informação relevante.”¹⁰ (COMRIE, 1989, p. 4)

Comrie fala também das fontes de base para seu estudo. Ele compara algumas línguas ao inglês para mostrar as sutis diferenças entre elas, com a finalidade de mostrar a dificuldade de fazer uma análise de comportamento humano sem ter uma quantidade significativa de falantes. (COMRIE, 1989, p. 6)

Em seguida passa a falar da classificação da universalidade de linguagem. Dividindo em tópicos que ele chama de “*formal and substantive universals*”, “*implicational and non-implicational universals*”, “*absolute universals and tendencies*”.

É importante citar, também, que argumenta fala sobre a explicação para universalidade de linguagem, falando da possível raiz comum para as línguas, como se houvesse uma forma de linguagem que dá origem para todas as outras, que seria uma explicação plausível para a existência dessa universalidade (COMRIE, 1989, p. 23 e 24)

Por fim, argumenta sobre a tipologia linguística. Dizendo, primeiramente, que aparentemente universalidade e tipologia são linhas opostas, já que a primeira busca encontrar o que há de comum entre as línguas, enquanto a outra busca separá-las em grupos. E que, quanto as duas formas de estudar as línguas “, são apenas diferentes facetas de uma única forma de pesquisa.”¹¹ (COMRIE, 1989, p. 33)

¹⁰ Citação original: “*Since the universals in which one is interested are abstract principles, there is no way in which the analysis of concrete data from a wide range of languages would provide any relevant information.*”

¹¹ Citação original: “*these are just different facets of a single research endeavor.*”

O que é tipologia linguística? Tipologia, em dicionários, pode ser definida como “Estudo dos traços característicos de um conjunto de dados, buscando determinar tipos e/ou sistemas: uma tipologia das vias urbanas” (Dicionário Online de Português, 2015). Dentro da Linguística, usa-se a tipologia para dividir as línguas em grupos a fim de comparar as diferenças e/ou semelhanças, sendo que qualquer característica pode ser utilizada como ponto de partida. Por exemplo: línguas que usam o alfabeto latino e as que não usam, por este ponto de vista pode-se dividir num grupo o inglês, francês, português, italiano e, no outro, chinês, japonês, coreano, persa. Depois desta divisão, pode-se olhar as características comuns e diferentes nas línguas: suas raízes são parecidas? Um alfabeto influenciou o outro? Para o desenvolvimento deste trabalho, o foco está em dividir línguas usando como referência seus adjetivos, como exemplificado no próximo autor.

A próxima pergunta seria: Por que tipologia linguística interessa a este trabalho? Para comparar o português e o japonês, possibilitando a visão de classes gramaticais de forma mais objetiva e tendo como base as análises de Robert Dixon (2010).

Como dito anteriormente, com a finalidade de estudar idiomas de maneira mais proveitosa e focada, dividem-se as línguas em tipos – que vão variar de acordo com o método e a intenção do estudo. Comrie, (1989, p. 1-54) fala sobre essas divisões a fim de tornar os estudos de línguas mais específicos. Ele cita, por exemplo, uma divisão baseada em fonética, separando línguas com sons palatais e sem. Ele sempre volta ao ponto de que a quantidade de idiomas e dialetos existentes é enorme, então fazer divisões nos estudos é fundamental para que o linguista consiga manter uma linha de raciocínio sem que ele se perca em meio a tantos detalhes, afinal, se os

grupos estiverem definidos, a visão geral sobre os idiomas escolhidos para estudo provavelmente ficará mais clara.

Além de Comrie, outros autores falam sobre tipologia linguística também, como o Dixon fala sobre tipologia em seu trabalho sobre a classe adjetiva para fundamentar sua argumentação, mostrando na prática a divisão das línguas em tipos. Ao que se refere a adjetivos, pode-se dividir as línguas em quatro, dependendo de seu comportamento na estrutura frasal e suas características comparando-as aos verbos e nomes naquele idioma.

Em termos tipológicos, a este trabalho interessa dividir os idiomas com base em suas classes adjetivas.

3.2- Robert M. W. Dixon – Teoria Básica da Linguística

Dixon (2010) faz, em seus trabalhos, divisões claras entre as classes de palavras existentes nas línguas, adaptando termos às respectivas classes a partir de estudos aplicados a diversas línguas diferentes. A respeito dos adjetivos, por exemplo, ele divide as línguas entre as que tem a) adjetivos com características verbais, b) adjetivos com características nominais, c) adjetivos com ambas características e d) adjetivos com nenhuma semelhança com classes nominais e verbais.

- | | | | | |
|-----|------|----------|----------|-------|
| (a) | NOME | ADJETIVO | VERBO | |
| (b) | NOME | ADJETIVO | VERBO | |
| (c) | | NOME | ADJETIVO | VERBO |
| (d) | NOME | ADJETIVO | VERBO | |

Dixon aplica cada um de seus conceitos em exemplos, mostrando como cada regra e/ou especificação linguística funciona em um idioma e quais são as semelhanças e diferenças entre um idioma e outro.

A leitura das duas gramáticas de Dixon – “*Basic Linguistic Theory Volume 1: Methodology*” e “*Basic Linguistic Theory Volume 2: Grammatical Topics*” – facilitou a estruturação deste trabalho, além de direcionar a linha de estudo do mesmo.

Muitas vezes, ao pensar em gramática normativa, esquece-se da universalização e foca-se em uma língua; e a partir desta língua, tenta-se encaixar uma segunda, sem pensar no que é de fato semelhante ou diferente, mas tende-se a procurar pelo que deveria ser semelhante. O que o Dixon (2010) faz é o oposto: ele seleciona vários idiomas e mostra como eles são, depois reúne as características comuns e incomuns para classificá-los.

A maneira do Dixon (2010) de exemplificar e buscar sempre abrir o leque de visão utilizando línguas distintas em suas explicações faz com que o olhar geral e objetivo sobre o que é adjetivo seja esclarecedor. Assim como nas especificações de cada “tipo” de classe em idiomas diferentes ele consegue mostrar como a classe pode se expandir e ter diferentes faces em cada tipo de língua.

3.3- Anthony E. Backhouse – Adjetivos flexionáveis e não-flexionáveis no Japonês

Seguindo a mesma divisão de adjetivos de Dixon, Backhouse escreve sobre os adjetivos japoneses. Uma importante e curiosa característica da língua japonesa é que ela possui dois tipos completamente diferentes de adjetivos: *keyôshi* e *keyôdôshi*. Os do primeiro tipo são adjetivos flexionáveis, com características bem parecidas com

as verbais em algumas utilizações e, os do segundo, são adjetivos com características mais nominais que aparecem normalmente associados ao auxiliar “*da*”.

Inicialmente mostra as características tipológicas da língua japonesa, por exemplo: dependente de marcações, sua ordem direta coloca-se o predicado no final da frase (BACKHOUSE, 2004, p. 50).

Em seguida, escreve sobre adjetivos flexionáveis – os *keiyôshi*. Começando por flexão e derivação gramatical dos termos, mostrando que morfologicamente os *keiyôshi* parecem com verbos exatamente por sua capacidade de flexionar. Então ele comprava os adjetivos flexionáveis com verbos, através das seguintes tabelas:

TABLE 1.

	Inflected adjective	Verb
Non-past	<i>naga-i</i> ‘long’	<i>oki-ru</i> ‘get up’
Conjunctive	<i>naga-ku</i>	<i>oki</i>
Past	<i>naga-katta</i>	<i>oki-ta</i>
Provisional	<i>naga-kereba</i>	<i>oki-reba</i>
<i>te</i> -conjunctive	<i>naga-kute</i>	<i>oki-te</i>
Conditional	<i>naga-kattara</i>	<i>oki-tara</i>
Representative	<i>naga-kattari</i>	<i>oki-tari</i>
Imperative	—	<i>oki-ro</i>
Hortative	—	<i>oki-yoo</i>

TABLE 2.

	Inflected adjective	Verb
Formal	<i>naga-i-desu</i>	<i>oki-masu</i>
Negative	<i>naga-ku na-i</i>	<i>oki-na-i</i>
Causative	<i>naga-ku suru</i>	<i>oki-sase-ru</i>
Passive/Adversative	—	<i>oki-rare-ru</i>
Potential	—	<i>oki-rare-ru/oki-re-ru</i>

Tabela 1 e 2. Retirado de (BACKHOUSE, 2004, p. 52)

Ele evidencia as flexões que o adjetivo e o verbo possuem, mostrando as diferenças a partir do que o adjetivo não tem, como formas imperativa e passiva.

TABLE 3.

	Inflected adjective	Verb (negative)
Non-past	<i>naga-i</i>	<i>oki-na-i</i> 'not get up'
Conjunctive	<i>naga-ku</i>	<i>oki-na-ku</i>
Past	<i>naga-katta</i>	<i>oki-na-katta</i>
Provisional	<i>naga-kereba</i>	<i>oki-na-kereba</i>
<i>te</i> -conjunctive	<i>naga-kute</i>	<i>oki-na-kute</i>
Conditional	<i>naga-kattara</i>	<i>oki-na-kattara</i>
Representative	<i>naga-kattari</i>	<i>oki-na-kattari</i>
Imperative	—	<i>oki-ru-na</i>
<i>zu(-ni)</i> -conjunctive	—	<i>oki-zu(-ni)</i>
<i>naide</i> -conjunctive	—	<i>oki-na-ide</i>
(Cf. also formal nonpast	<i>naga-i-desu</i>	<i>oki-na-i-desu/oki-mas-en</i>)

Tabela 3. Retirado de (BACKHOUSE, 2004, p. 53)

Após esse tópico, ele apresenta uma tabela para derivação lexical, mostrando que tanto verbo quanto adjetivos produzem nomes derivados, mostrando as derivações do adjetivo “*nagai*” (longo).

TABLE 4.

Process	Result	Inflected adjectives vs. verbs
Conversion (conjunctive)	Adverb: <i>nagaku</i> 'for a long time, etc.'	Widespread. Restricted with verbs.
Reduplication (stem)	Adverb: <i>naganaga</i> 'at great length'	Restricted. A few with verbs.
Suffixation (- <i>sa</i>)	Noun: <i>nagasa</i> 'length'	Productive. A few with negative verbs.
Suffixation (- <i>mi</i>)	Noun: <i>amami</i> 'sweetness' (< <i>amai</i> 'sweet')	More restricted than above. Not with verbs.
Conversion (stem/ conjunctive)	Noun: <i>waru</i> 'rogue' (< <i>warui</i> 'bad')/ <i>tikaku</i> 'area nearby' (< <i>tikai</i> 'near')	Restricted. Widespread with positive verbs.
Suffixation (- <i>garu</i>)	Verb: <i>samugaru</i> 'show signs of feeling cold' (< <i>samui</i> 'feel cold')	Productive with adjectives denoting psychological states. Not with verbs.
Suffixation (- <i>sugiru</i>)	Verb: <i>nagasugiru</i> 'be too long'	Productive. Also with positive verbs, restricted with negative verbs.
Suffixation (- <i>soo</i>)	(Uninflected) adjective: <i>nagasoo</i> (<i>na</i>) 'long-looking'	Productive. Also with positive and negative verbs.
Suffixation (- <i>me</i>)	(Uninflected) adjective: <i>nagame</i> (<i>no</i>) 'on the long side'	Productive with gradable inflected adjectives. Not with verbs.

Tabela 4. Retirado de (BACKHOUSE, 2004, p. 54)

Em seguida, Backhouse mostra as propriedades sintáticas dos adjetivos e como aparecem em cada, exemplificando uma por uma. As propriedades citadas são: a) funciona como centro de um predicado intransitivo; b) quando dois argumentos para o adjetivo flexionável aparecem numa só frase, um é marcado por “*ga*” (NOM) e o outro por “*ga*” (NOM), “*ni*” (DAT, etc), “*kara*” (FONTE), “*to*” (RECIP, etc); c) quando complemento de verbos como “*naru*” (tornar-se), flexiona na forma conjuntiva; d) modifica diretamente um nome quando o precede; e) adjetivos flexionáveis não combinam com auxiliares que expressam aspecto, direção, benefício, etc; f) ao usar o verbo “*aru*” (existir, estar) combinado com o adjetivo flexionável, a flexão é similar a utilizada com verbos na forma afirmativa com “*suru*” (fazer); g) na construção frasal com “*hoo ga ii*” (é melhor fazer), adjetivos flexionáveis e verbos na negativa normalmente ocorrem na forma “não-passado”; h) nas construções (f) e (g), os adjetivos flexionáveis acompanham os verbos na negativa; i) a maioria dos adjetivos flexionáveis, mas não todos, são modificados adverbialmente por niveladores como “*kiwamete*” (extremamente) e por intensificadores como “*jitsu ni*” (verdadeiramente) (BACKHOUSE, 2004, p. 53 a 57).

A partir das propriedades gramaticais, mostra como cada classe se comporta diante de termos diferentes, em posições diferentes e quais são suas modificações, sempre exemplificando.

3.4- Conclusão

Quando os estudos foram iniciados, havia a intenção de modificar o termo “adjetivo” para “verbo de qualidade”, pois assim as características da classe na LJ –

focando nos *keiyôshi*¹² – em seu comportamento na estrutura frasal. Porém, no decorrer desta pesquisa e com o acesso à linha de pensamento de Dixon, percebe-se que ao invés de inserir o adjetivo dentro de uma classe, deve-se olhar para a língua japonesa com o entendimento de que são três classes: nominal, verbal e adjetiva. Essa classe adjetiva pode aproximar-se dos verbos e/ou dos nomes em um determinado idioma, mas isso não é uma regra fixa. Logo, um trabalho que se iniciou com o objetivo de modificar o termo com a finalidade de lidar com o efeito disto no processo de ensino-aprendizagem, encontrou uma barreira no caminho ao deparar-se com o fator linguístico, que redirecionou os objetivos do trabalho.

¹² Em japonês existem dois tipos de qualificadores: os *keiyôshi* e os *keiyôdôshi*, que exercem a mesma função – de “adjetivar” – mas tem características diferentes uns dos outros, como explicado na página X deste trabalho.

4-A Classe Adjetiva

Ao falar em Classe Adjetiva, precisa-se pensar em duas coisas: 1- a função das palavras e 2- como as palavras são “encaixadas” na estrutura frasal. A primeira é, basicamente, comum para as línguas: caracterizar, qualificar, adjetivar outra palavra; já a segunda, pode variar dependendo do tipo daquela língua, no caso do português e japonês, são diferentes, mas isso será desenvolvido num próximo capítulo.

Adicionar uma característica a uma palavra significa ligar-se a ela, adaptando-se dentro da estrutura gramatical. Tendo como base os idiomas ocidentais, temos que “Adjetivos”, por definição, “são palavras que caracterizam um substantivo, conferindo-lhe uma qualidade, característica, aspecto ou estado e variam em gênero e em número conforme o substantivo que caracteriza. Flexionam-se também em grau.”¹³. O adjetivo sempre concorda com o substantivo que acompanha¹⁴. Essa é uma classe de nomes, suas flexões¹⁵ dependem do substantivo que acompanha, por exemplo:

(3) Moça é bela

SUJ V ADJ Feminino

(4) Moço é belo

SUJ V ADJ Masculino

(5) Moços são belos

SUJ V PLU ADJ MAS Plural

¹³ (Normal Culta, 2015)

¹⁴ Fonte: (Capítulo 3 - O Adjetivo de um Ponto de Vista Linguístico).

¹⁵ O Português foi o idioma utilizado como base para as flexões apresentadas para os adjetivos e verbos.

(6) Moça é belíssima

SUJ V ADJ FEM SING Superlativo¹⁶

À primeira vista, essa definição faz com que os *keiyôshi* não se encaixem na ideia de adjetivo, pois na LP estes são nominais. Como, então, pode-se observar essa diferença como normal? Dixon (2010, p 62) cita:

“quando se leva em consideração todos os fatos relevantes, a classe adjetiva pode ser (e deve ser) diferenciada das classes verbais e nominais.”¹⁷

Ou seja, deve-se sempre pensar em três classes gramaticais: verbo, nome e adjetivo, não apenas duas como no início desta pesquisa.

Na visão tipológica do Dixon, os adjetivos serão sempre diferentes dos verbos e nomes em qualquer língua, mas eles ainda podem ser divididos em quatro tipos: 1) parecidos com os verbos; 2) parecidos com os nomes; 3) parecidos tanto com nomes quanto com verbos e 4) adjetivos completamente diferentes dos nomes e verbos. Português é claramente o tipo 2, o Japonês, por sua vez, é do tipo 3.

Na LJ existem dois tipos diferentes de adjetivos: os *keiyôshi* e os *keiyôdôshi*.

(7) Usagi no mimi wa naga-i

Coelho ADNOM orelha TOP longa NONPAST - *Keiyôshi*

As orelhas do coelho são longas.

(8) Shisetsu wa rippa da

Instalações TOP impressionante “ser” NONPAST – *Keiyôdôshi*

As instalações são impressionantes.

¹⁶ Superlativo utilizado para exemplificar a flexão em grau.

¹⁷ Citação original “When all relevant facts are taken into account an adjective class can be (and should be) recognized for every language, distinct from noun and verb classes.”

Cada um com suas particularidades e características, os primeiros são mais próximos dos verbos, os últimos, dos nomes. Neste trabalho apenas os *keiyôshi* (adjetivos “i”, próximos dos verbos) serão analisados.

4.1- Keiyôshi

Nomenclaturas diversas foram utilizadas com o passar dos anos. Vários estudiosos japoneses trouxeram diferentes classificações e justificativas em seus estudos e os *keiyôshi* e *keiyôdôshi* foram protagonistas de alguns debates e discordâncias. Nos estudos vernaculares, já foram nomeados “nome falso” (*Gogaku Shinsho* (Novo Livro de Gramática Japonesa), 1831), quando houve a percepção de que esses termos se comportavam de maneiras diferentes. Na gramática do idioma japonês, estes termos não são classificados como “*taigen*”, que seriam os “nomes”, substantivos propriamente ditos, e sim como “*yôgen*”, predicadores, assim como os verbos. Analisando o uso da língua, pode-se ter um entendimento melhor quanto ao motivo.

Considerando as características da língua japonesa – aglutinante e flexional –, comecemos a observar o comportamento das palavras na frase. Para esse trabalho é importante que sejam evidenciados os verbos e os adjetivos. Um verbo em japonês recebe auxiliares¹⁸ e partículas para que flexionem na linha do tempo, assim como para negativa. Por exemplo: o verbo *taberu* (comer), a ação concluída seria *tabeta*, na negativa, *tabenai* e, concluída na negativa, seria *tabenakatta*¹⁹. Continuando este raciocínio, dos “adjetivos i” – *keiyôshi* – “*ookii*” (grande) ficaria: “*ookikatta*”, “*ookikunai*” e “*ookikunakatta*”. Apenas para finalizar essa comparação é interessante citar que os

¹⁸ A Língua Japonesa é um idioma aglutinante, por isso auxiliares verbais são adicionados às palavras.

¹⁹ Todas as flexões apresentadas estão sem polidez.

nomes/substantivos não recebem auxiliares que os modifique nessas três situações mostradas para verbos e qualificadores.

Categorias	Afirmativo	Negativo	Ação concluída	Ação concluída na negativa	Imperativo
Verbo	<i>Taberu</i> 食べる	<i>Tabenai</i> 食べない	<i>Tabeta</i> 食べた	<i>Tabena-katta</i> 食べなかった	<i>Taberô</i> 食べろ
“Adjetivo” I	<i>Ooki-i</i> 大きい	<i>Ooki-kunai</i> 大きくない	<i>Ooki-katta</i> 大きかった	<i>Ooki-kuna- katta</i> 大きくなかつ た	<i>Inexistente</i>

Entre as características similares apresentadas acima, vemos que tanto os verbos – *dôshi* – quanto os qualificadores recebem auxiliares parecidos para que seja possível flexioná-los. Outra característica comum às duas classes é a capacidade de predicar: tanto os *dôshi* quanto os *keiyôshi* exercem essa função sem a necessidade de complemento algum. (FERREIRA, 2015, p. 13-14)

O *keiyôshi* seria, então, um predicador que permitiria que uma oração fosse redigida com a finalidade de qualificar um substantivo, mas que não houvesse a necessidade de acrescentar os verbos de estado (ser/estar). Na estrutura frasal do português, uma oração é formada de sujeito + predicado (formado por um verbo e um complemento quando necessário) e, no japonês a estrutura é similar, apenas modificando a ordem direta: Português: sujeito, verbo e complemento, Japonês: sujeito/tópico, complemento e verbo. Por exemplo, em “O livro é azul”, “livro” é sujeito,

“é” é verbo de estado e “azul” é o complemento. Em japonês a mesma oração seria “*Hon wa ao*” sendo “*hon*” sujeito e, em “*ao*” já existe tanto a ideia de “azul” quanto a ideia de “ser/estar”, não havendo a utilização de um outro verbo, sendo esta palavra o suficiente para construir o predicado sozinha.

(9) O livro é azul.

ART livro V azul

Estrutura na LP.

(10) Hon wa ao-i.

Livro TOP azul NONPAST

Estrutura na LJ utilizando o *keiyôshi*.

Ainda que pareçam com os verbos, cada classe tem suas particularidades. Os adjetivos, por exemplo, não podem ir para forma imperativa, já os verbos permitem essa flexão. Porém, por essa similaridade, existem professores e estudiosos que defendem a ideia de “verbo de qualidade”, especificamente o termo “predicador de qualidade” pelo fato dos *keiyôshi* possuírem a capacidade de compor sozinho um predicado (MORALES, 2012, p. 164) e (SUZUKI, 2012, p. 28). Seguindo a linha de Dixon (2010) e Backhouse (2004), porém, vê-se que independente das semelhanças, a classe adjetiva deve sempre ser vista e classificada separadamente das verbais e nominais.

Tem-se como conclusão, mesmo que “predicador” seja um termo bastante apropriado, que *keiyôshi* são adjetivos, o que significa que, na LJ, essa classe pode ser núcleo de um predicado sem perda nem de sentido nem necessidade de complementação.

4.2- Diferenciando Adjetivos em Português e Japonês

Para comparar as classes adjetivas dessas duas línguas é necessário considerar a diferença estrutural e gramatical entre elas. Partindo da estrutura frasal básica, o português é SVO e, o japonês, SVO, o que significa que os adjetivos já se encaixam em locais diferentes em cada uma delas.

(11) Maria compra uma maçã.

SUJ VTD ART OBJ DIR

(12) Os filhos obedecem aos seus pais.

SUJ VTI PREP OBJ IND

(13) O jornal dedicou uma página ao episódio.

SUJ VTDI art OBJ DIR prep OBJ IND

(14) Maria-san ga ringo wo kaimasu.

SUJ part OBJ DIR part VTD

Maria compra uma maçã.

Na LJ o verbo sempre pede uma partícula.

(15) Maria-san ga gakkô he ikimasu.

SUJ part OBJ IND PREP VTI

Maria vai à escola.

(16) Watashi ga Maria-san ni ringo wo agemasu.

SUJ part OBJ IND PREP OBJ DIR part VTDI.

Eu dou uma maçã para Maria.

Além disso, são tipos linguísticos diferentes: LP tem adjetivos com características nominais, LJ tem duas classes adjetivas, sendo a escolhida para comparação, mais verbal. O que significa que, no português, ou o adjetivo liga-se diretamente ao nome

ou, em uma oração, buscam um verbo – normalmente de ligação e/ou estado – para que a frase seja construída.

(17) O dia está bonito.

ART dia VL-estado bonito-ADJ.

(18) O rapaz bonito saiu.

ART rapaz bonito-ADJ V-ação.

Enquanto, no japonês, o adjetivo pode ligar-se diretamente ao nome ou formar um predicado sem a necessidade de um verbo.

(19) Kono hon wa aka-i

Este livro TOP vermelho-afirmação

Este livro é vermelho.

(20) Akai hon wa kore desu.

Vermelho livro TOP este afirmação

O livro vermelho é este.

Observando estes exemplos pode-se perceber a diferença – não tão sutil – entre a utilização da classe adjetiva nas línguas comparadas e, ao mesmo tempo, acompanhando pela visão tipológica, compreender o que a classe adjetiva tem como característica própria, independente da variedade lingual que possa ser encontrada.

O que precisa ser percebido é que independentemente do tipo linguístico, as três classes serão sempre encontradas: nome, verbo e adjetivo. Logo há a necessidade de, como licenciado em língua, percebê-las e diferenciá-las, para, então, apresentar a gramática e estrutura da língua.

5- Considerações finais

Linguística é a ciência que estuda os padrões de comunicação de uma língua, por ser ciência, esta apresenta características objetivas e concretas. Se houvesse uma maneira de simplificar todas as nomeações e explicar sem preocupar-se com um contexto acadêmico, poderia se afirmar que “Linguística” é a parte exata de Letras, assim como uma fórmula matemática para generalizar as línguas do mundo. Como uma maneira de categorizar aquele idioma. Seria quase impossível separar os idiomas em grupos específicos se não houvesse essa objetivação, caso os estudiosos decidissem considerar apenas a subjetividade e sutileza da comunicação humana, por conta de suas peculiaridades.

A partir do momento que se utiliza da gramática formativa de uma língua, o estudante pode observar o que é mais concreto e normativo da mesma, para depois buscar a subjetividade e a utilização coloquial do idioma. Ela permite que a parte mais racional seja observada primeiramente para que o estudante consiga ter uma base mais segura e, então, buscar o uso da língua estrangeira e perceber em que contexto essas estruturas podem ser adequadas, seja na linguagem coloquial, nas figuras de linguagem, etc. A gramática funciona como o esqueleto da língua para fundamentar o idioma que irá se construir de inúmeras outras coisas menos rígidas e mais subjetivas.

Com a aplicação da gramática formativa em sala de aula, o professor terá mais uma ferramenta para explicar os tópicos, buscando sempre avaliar seus métodos e práticas educativas a fim de buscar os melhores resultados com os educandos. Por exemplo: ao ensinar os *keiyōshi*, o professor pode utilizar da gramática para explicar o que é a classe adjetiva e para que ela serve, depois mostrar a forma que essa classe se encaixa na estrutura da língua.

Estudar – principalmente ensinar – uma visão mais linguística e estrutural de uma língua estrangeira é tão importante quanto útil. Porém, para verificar dados e trazer um estudo mais completo sobre o processo de ensino-aprendizagem, há a necessidade de aprofundar e aplicar este trabalho, dispondo de mais tempo e especialização.

6- Referências

BACKHOUSE, A. E. Inflected and Uninflected Adjectives in Japanese. **Adjectives Classes, A Cross-Linguistic Typology**, Oxford, 2004.

CAPÍTULO 3 - O Adjetivo de um Ponto de Vista Linguístico. **Maxwell**. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/14346/14346_4.PDF>. Acesso em: 04 Outubro 2015.

COMRIE, B. **Language Universals and Linguistic Typology**. 2ª. ed. Chicago: The University of Chicago Press, v. I, 1989.

DICIONÁRIO Michaelis. **Dicionário Michaelis**, 2015. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 25 Abril 2015.

DICIONÁRIO Online de Português. **Dicio**, 2015. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/tipologia/>>. Acesso em: 24 Abril 2015.

DIXON, R. M. W. **Basic Linguistic Theory - Grammatical Topics**. 1ª. ed. Nova Iorque: Oxford University Press, v. II, 2010.

DIXON, R. M. W. **Basic Linguistic Theory - Methodology**. 1ª. ed. Nova Iorque: Oxford University Press, v. I, 2010.

FERREIRA, M. V. D. L. **Classes Lexicais e Gramaticalização: Adjetivos em Línguas Geneticamente Não-Relacionadas**. Universidade de Brasília. Brasília. 2015.

GOGAKU *Shinsho* (Novo Livro de Gramática Japonesa). [S.l.]: [s.n.], 1831.

MORALES, L. M. Os Qualificadores Keiyôdôshi na Língua Japonesa. **Teorias Gramaticais da Língua Japonesa**, São Paulo, v. I, n. 1ª, p. 161 a 182, 2012.

NINOMIYA, M. Y. T. M. T. I. G. **Japão - Mini Enciclopédia do Japão**. Kamakura: Japan Foundation, v. I, 2011.

NINOMIYA, S. R. L. A Taxionomia na Língua Japonesa. **Teorias Gramaticais da Língua Japonesa**, São Paulo, v. I, n. 1ª, p. 141 a 160, 2012.

NORMAL Culta. **Gramática Online da Língua Portuguesa**, 2015. Disponível em: <<http://www.normaculta.com.br/adjetivos>>. Acesso em: 05 Outubro 2015.

RODRIGUEZ, J. **Arte da Língua de Iapa**. Tóquio: Benseisha, 1976.

SILVA, H. R. S. **A Arte da Língua de Iapam e os Verbos Adjetivos**. Universidade de Brasília. Brasília. 2015.

SUZUKI, T. Dos Fatos de Língua aos Estudos Linguísticos no Japão. **Teorias Gramaticais da Língua Japonesa**, São Paulo, v. I, n. 1ª, p. 13 a 44, 2012.